

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

O JARDIM DO ENCANTO PERDIDO

I

DE PREFÁCIO

UM INQUÉRITO SOBRE A FELICIDADE

Tokushima, 1 de Julho de 1954

Eis-me, pois, na Tokushima de Wenceslau de Moraes, sua terra adoptiva, que guarda as suas cinzas. Cheguei ontem à noite, já tarde, noite chuvosa de *nyubai*, do fim de Junho. O automóvel a correr pelas ruas estreitas deixa-me apenas distinguir casas baixas de madeira escura, raros transeuntes, e essa feeria de lanternas de papel colorido à porta das lojinhas, que dá hoje ainda ao Japão um ar fantástico e permanentemente em festa.

No meu quarto japonês do hotel, estendido no chão, sobre o *futon*, – lembrem-se que Moraes preferiu sempre dormir sobre o colchão japonês? – a minha imaginação procura. Como será Tokushima? Desde rapaz, desde os meus verdes anos do liceu, encantou-me sempre ler os livros de Moraes. Quantas vezes a minha imaginação abrasada me levou ao seu *Nippon*, ávida da novidade exótica do país longínquo, entontecida pela bizzarria das cores, pelo pitoresco dos costumes, pela beleza das paisagens e das mulheres.

E eis que, tanto tempo passado, tendo vivido já mais de dois anos no Japão, o meu espírito continua ainda a interrogar-se. O que restará da Tokushima de Moraes? Esta Tokushima de 1954, onde vim, em peregrinação devota, cem anos após o seu nascimento, procurar um ambiente de recordações que me aproxime do seu espírito, – ajudar-me-á ela a penetrar no seu drama de voluntário exilado? Embora admirando outros escritores mais do que admiro Wenceslau, é ele dos que mais amo. Amo-o pela

sinceridade do homem e pela coragem de ter jogado a vida numa experiência total – de procurar encontrar a felicidade onde, até ele, nunca ninguém ousara buscá-la. De procurar salvar a sua alma pelos caminhos espinhosos da heresia.

Moraes veio para o Japão abandonando o Ocidente, insatisfeito dos ideais da Europa, do materialismo e industrialismo do século, céptico das certezas dum positivismo e cientismo que varriam a poesia da vida, a serenidade e o contentamento da alma, e impediam os voos imaginativos e o idealismo sonhador duma geração que directamente herdara a febre aventureira do romantismo.

E foi para aqui, para esta pequena cidade de Tokushima, que decidiu vir pôr à prova o seu sonho. Aqui viveu dezassete longos anos – de pequenos prazeres, de dor, de muitas amarguras. Teria na verdade encontrado a felicidade que procurava? Sinto que vim bater à porta dum grande mistério. Nunca estarei dele mais perto do que neste momento. Conseguirei acaso desvendá-lo?

Amanhece um sol glorioso para a inauguração do monumento que Tokushima vai dedicar à memória de Moraes. Levanto-me cedo, vou ver a cidade. O monumento fica ao fundo da avenida principal, Shinmachi Bashi, contra o fundo verde do monte Bizan. Moraes passou muitas vezes por este lugar, na sua diária devoção aos túmulos de Yoné e Ko-Haru. Também eu agora vou ao cemitério de Chionji, levar-lhe flores e meditar junto do seu túmulo. Depois vou à sua rua, estreita, longa e verde, pisar a mesma terra que pisaram mil vezes os seus passos, olhar as árvores que contemplaram os seus olhos. É uma rua solitária de aldeia, tranquila e humana. Sente-se o calor familiar dentro das casas, saltam das janelas risos de crianças, espreitam mulheres de caras doces e retraídas. Um cacho de crianças a brincar no meio da rua; um velho camponês a afiar um machado ao portal, que lá deixei, e que parece que lá está a afiar acororado desde os dias de Wenceslau. O tempo não passou por aqui. O tempo nada pode contra esta humanidade persistente em repetir os mesmos dramas, geração após geração, nas mesmas casas de madeira escura, à sombra destas velhas árvores impassíveis. A casa de Moraes foi destruída na última guerra por uma bomba aérea que queimou todos os objectos por ele deixados e que constituíam uma secção do museu de Tokushima. Não importa, na sua rua, Iga-chô, lá estão casas iguais, com um portal recolhido, paredes escurecidas pelos invernos, verduras profusas no jardimzinho minúsculo e crianças a gorjear em correrias alegres. E em vez das curiosidades inertes de museu – talvez um tinteiro seco, papéis amarelados, um aquário vazio – este vivo ambiente de

permanência das coisas humanas, que tão profundamente nos penetra do que na vida é transitório e é eterno.

O centro de Tokushima é moderno e catita. Há grandes edifícios de cimento na larga avenida, fábricas de tecidos, restaurantes, modernas lojas comerciais de vários andares. É uma cidade igual às outras da província japonesa, honesta, trabalhadora, pacata. Diferente, talvez apenas a intensidade do verde, esta exuberância vegetal que Moraes notou logo à sua chegada.

Mas o que eu quis conhecer mais em Tokushima foi a gente. Pois não foi pela cidade, nem pelas montanhas verdes que Moraes para aqui veio – mas para encontrar o calor humano que consolasse o vazio da sua alma de solitário.

Moraes pensou que só no ambiente estreito duma pequena cidade é possível penetrar na alma dum povo estranho. Mais tarde, François Mauriac escrevia também que a gente da província tem mais conteúdo e interesse humano do que a gente das grandes cidades, onde o indivíduo vive isolado e só, entre multidões, estranho e tão vazio de afectos como num deserto. Foi na pequena cidade de Tokushima que Moraes veio conhecer o Japão. Havia nele, primeiramente, a curiosidade de aprofundar o conhecimento dum povo estranho. Mas a razão que o atraía aqui era mais profunda – era a doce maneira de viver da gente japonesa, era a poesia, a tradição, a lenda dum dos países mais imaginativos da terra; era, sobretudo, a filosofia que profundamente impregna o sistema de vida do povo japonês.

Os ideais europeus haviam deixado de satisfazer o seu espírito incerto. O homem europeu começava a ser abalado pelos ventos de confusão e dúvidas que nos trouxeram à poesia angustiada de T. S. Eliot e às perplexidades desta idade atômica. Moraes ia ser uma das primeiras vítimas. A indiferença, o ceptismo, o niilismo *blasé*, tinham-se apossado da sua alma. Estava cheio de experiências; amou muitas mulheres; andou muitos caminhos do mundo. Aos quarenta anos sentia-se cansado da vida, sem estar preparado para a morte. Aos quarenta, na Europa, começa-se talvez a pensar na morte. No Japão não é tarde de mais para começar a viver. Lançando para trás os cânones europeus por que tinha vivido, Moraes encontra aqui, alvoroçado, novos ideais: o conceito de que o universo não foi criado apenas para o homem, e de que o valor da vida deve tomar em conta os outros entes que habitam o universo; o ínfimo significado do indivíduo em relação à colectividade e à linha das gerações; o conseqüente conceito do menor valor de tempo e de morte. Estas pedras duma nova filosofia prometiam dar a Moraes aquilo de que necessitava – serenidade de alma e paz, e a aceitação da morte

com uma risonha confiança. Estas ideias, tão afastadas da prática da vida no Ocidente, não eram princípios abstractos, mas convicções e sentimentos arreigados que via inspirar a vida diária da gente da pequena cidade, praticar pelos seus vizinhos, insuflar na alma das crianças.

Foi, penetrando cada vez mais fundo no espírito e na vida japonesa, que Moraes refez a sua vida e transformou a sua alma com o propósito de construir a felicidade que nunca encontrara no Ocidente. É mais fácil ser-se feliz quando se requer pouco da vida, se pensa mais nos outros do que em si próprio e se encara a morte com serenidade. Uma das grandes fraquezas da filosofia de vida ocidental, como Moraes tantas vezes notou, é que nos não habitua a aceitar naturalmente a morte. Daí a nossa inquietação e avidez espiritual e a nossa constante ansiedade.

Moraes viera algumas vezes ao Japão como marinheiro. Desde o primeiro contacto, a gente e a paisagem encantaram-no. E a sedução foi tão grande que resolveu vir viver para o Japão. Depois de instalado em Kobe, como cônsul de Portugal, a sua atitude não é a do estrangeiro com curiosidades de descobrir o país. O seu interesse é mais fundo, quer viver com os japoneses, ser absorvido no ambiente, sentir vibrar em si a vida dum povo que ele tanto ama e admira. A delicadeza, o sorriso, o drama, as finuras da alma japonesa, no espectáculo do dia-a-dia, acendem na sua alma entusiasmos, que conta nos artigos de jornais, que mais tarde os seus amigos reúnem em livros.

Desejoso de conhecer a cultura japonesa, fez cuidadas leituras e estudos que lhe davam a ideia do desenvolvimento da nação nipónica, da filosofia religiosa, do corpo de cultura por ela criado. Mas nem neste campo ele foi longe a ponto de perder, nas neblinas e jogos de especulações abstractas, aquele contacto vitalizador com a gente comum. O problema da felicidade, ninguém o resolveu no alcandoramento de estudos e teorias, nem sequer na cultura dos livros, mas na substancial experiência do dia-a-dia, a viver com homens reais.

Não surpreende assim que Moraes não procurasse Tóquio, Quioto, os grandes centros da cultura japonesa, para aí mergulhar as suas ansiedades. Não era isso que ele procurava – era uma casa pobre, numa rua simples duma pequena cidade, onde pudesse viver com a gente pobre e simples que ele amava e admirava, porque é esta gente que guarda ainda as virtudes genuínas dum povo e aquelas qualidades de bondade, capacidade de sofrimento, imaginação e coragem que fazem valer os homens. Abandonou as honras e o consulado por uma casa vulgar de Iga-chô, uma rua silvestre, quase invadida pela floresta do monte Bizan.

Passei hoje o dia com o pensamento cheio da presença de Moraes. Inaugurou-se o monumento à sua memória; soltaram-se as pombas da paz, estralejaram foguetes, fizeram-se discursos, puseram-se flores, e vi lágrimas nos olhos duma mulher que o amou. Tokushima paga o seu tributo ao autor de *O Bon-Odori em Tokushima*. Comungámos todos duma lembrança que nos confronta e liga laços de calor fraterno entre o meu coração de estrangeiro e estes japoneses que querem a Moraes tanto como eu, que falam dele como se lhes pertencesse, sem que eu sinta que nada me tiraram. Porque Moraes é português e é japonês; é uma daquelas almas corajosas que se dão à nobre tarefa de semear amor entre os homens.

À noite volto ao meu quarto japonês do hotel Awa. Estirado sobre o *tatami*, as esteiras de palha de arroz, olhando o jardimzinho fresco, com árvores sabiamente recortadas e lanternas de pedra, as largas portas de papel abertas, ponho-me a sumariar as experiências deste dia. Como Moraes se identificou com esta gente a ponto de ser assim lembrado e querido! Os seus livros são tão vivos como a sua memória. Nada deles morreu ou se antiquou. Porém, Tokushima mudou, modernizou-se, reconstruiu-se depois da guerra, dobrou a sua população, é uma cidade nova – digo-me em diálogo comigo próprio. Sim, mas não mudou a gente, o coração do homem é o mesmo, ontem e hoje, aqui e na Grécia de Eurípedes.

A noite é longa e quente. E eu não paro de cogitar na extraordinária razão que levaria este português a abandonar o seu mundo, o afecto de familiares e amigos, o conforto consolador de se ouvir à volta a nossa própria língua, por esta cidade provinciana e sem interesse, por este outro país, belo de lendas, de cores e de paisagens paradisíacas, tão encantador e tão estranho. Como seria duro, longe de Portugal, mortas as duas mulheres que mais amou, entre um povo estrangeiro e nem sempre amigo, que hoje lhe quer bem e o celebra, e lhe chama respeitosa *Moraes-san*, e que então lhe chamava simplesmente *ketojin-san* – *o senhor selvagem barbudo*.

De súbito, da pequena rua detrás do hotel, soa o vagido melancólico da flauta do *shina sobaya*. Sabem quem é, Moraes fala dele com enternecida simpatia. É um pobre noctívago, provavelmente poeta e pai de muitos filhos, que a altas horas da noite passa pelas ruas com o seu carrinho de mão, em que cozinha malgas duma espécie de macarrão fumegante. O som da sua *charumera*, cujo nome, do português charamela, o torna para mim ainda mais evocativo, corta a noite de tristeza e deixa-a ainda mais abismada em solidão. É uma dessas vozes humildes, cujo som flébil tem um imenso

poder de evocação, despertando-nos na alma revoadas de recordações e anseios vagos. Uma dessas vozes poéticas do velho Japão, que nos falam do fundo do passado, de entre glórias e sombras. Esqueço-me do meu inquérito. Porque, à sugestão desta voz antiga, outra coisa mais importante descobri – que a obra de Moraes está viva, presente e viva no Japão que dorme nestas ruas sob a calma noite de Julho. Tão viva, que agora já não posso distinguir se a voz melancólica me vem do seio da noite japonesa, se do fundo das páginas de Moraes, palpitações dum sonho real.

(O Jardim do Encanto Perdido, 13-22)

II

DESCOBRIU O ORIENTE O CAMINHO DA VERDADEIRA VIDA?

No fundo da alma ocidental agita-se, desde há muitos séculos, a atracção pelo Oriente; o impulso e o anseio de completar-se e procurar remédios aos seus males na sabedoria e na profundidade do Oriente. Leibnitz e Goethe pensavam que o homem perfeito e integral só poderá formar-se no dia em que se aliarem em criativa fusão o tipo espiritual do Ocidente com o do Oriente. Napoleão sentiu uma irresistível atracção pelo Oriente. Dostoievsky chama ao Oriente «a pátria de todas as coisas profundas», depositário de «todas as grandes e misteriosas verdades cuja guarda lhe foi confiada desde a origem das coisas». Seria impossível esgotar as citações de grandes espíritos ocidentais em que transluz a fascinação pelo Oriente.

Periodicamente, em cada baixa de crise ou de esterilidade, a Europa, prostrada por frustrações e desenganos, incerta nos seus ideais e hesitante no seu caminho, tem-se voltado para a velha sabedoria asiática na esperança de que ela possa completar-nos lacunas e satisfazer os anseios da nossa alma, aos quais não dão resposta os nossos livros nem os nossos profetas. A Ásia é a mãe de todas as grandes religiões. Esta atracção manifesta-se mesmo nos mais sólidos campos da tradição. «No nosso ambiente, no sector dos teólogos e dos escritores católicos,» diz o padre espanhol António Sancho, «ressoam com vigor dois temas: a decomposição interna da velha Europa e o messianismo da alma oriental.» O abade alemão Herwegen pensa que a profunda contemplação divina do homem oriental e o impulso ocidental de actividade no campo exterior da vida têm de se unir numa nivelção recíproca. O sonho do Oriente continua a fascinar o perturbado espírito ocidental.

Hoje, mais uma vez, os homens de acção e os poetas que reflectem angustiadamente o pavor da nossa civilização perante a inconsciência moral com que encara o perigo de destruir-se, ao Oriente se voltam em busca de inspiração salvadora. Alguns espíritos, mais sequiosos de totais certezas, não se satisfazem com ler livros e aspirar o sumo de teorias e religiões distantes; querem participar da vida tão diferente que as produziu, juntar-se às gentes, sentir o seu calor humano confortante, vivo, inspirador.

O primeiro ocidental que teve a total coragem de ir viver entre orientais, como oriental, pelo gosto gratuito de viver, sem profissão nem fins de tirar lucro ou utilização

das diferenças entre duas civilizações, foi, que eu saiba, Wenceslau de Moraes. Mesmo Lafcadio Hearn veio para o Japão no intuito de explorá-lo literariamente, ganhar a vida na sua profissão de jornalista. São conhecidos evidentemente os casos de missionários que passaram metade da vida entre os vários povos do Oriente; lá estão a comprová-lo pobres campas, marcos da sua fé, espalhadas desde o deserto de Gobi e os cimos do Tibete a muitas dos milhares de pequenas ilhas perdidas no Pacífico. T. E. Lawrence experimentou também riscos e delícias das mil e uma noites entre as tribos árabes, coberto dum turbante e cercado dos seus fiéis cavaleiros, como um emir. Mas estes são casos excepcionais de indivíduos, que ambiciosamente desempenham uma missão ou um ofício, ou de aventureiros sem amor à pele, que o amor da aventura atrai aonde quer que haja perigo e ocasião de experimentar essa fria indiferença diante da morte que é o sumo prazer dos corajosos.

Moraes, ao contrário, é um homem vulgar, sem ambições de revolver o mundo; primeiramente marinheiro cumpridor, depois escrupuloso burocrata. A sua experiência oferece-se a qualquer de nós que não temos ambições nem ousadia para ser régulos de uma tribo, nem exaltação para apóstolos duma igreja. Moraes, homem comum, quis apenas resolver com sinceridade o problema da felicidade. A sua extraordinária coragem está, não só em ter ido procurá-la até onde nenhum outro homem ousara, mas ainda em ter abandonado tudo, o que fora tudo na sua vida. Porquê? Nem pelo prazer do risco, nem pela descoberta, nem pela glória – pela gratuita esperança de uma vida melhor e mais justa, e de ao fim se encontrar em paz com a sua alma.

Este abandono da civilização europeia, e descrença da sua justiça e dignidade, é de molde a fazer-nos meditar.

Se é verdade que a civilização europeia entrou já na curva da sua decadência, à semelhança da extinta greco-romana, como afirmam documentados historiadores dos nossos dias, Moraes pressentira já essa queda. Na opinião de Moraes, o sistema europeu perdeu o sentido fundamental da vida, falha ao espírito essencial da obra da criação. O Ocidente perdeu os ideais e a pureza, e só já tem, para oferecer aos homens, alguns áridos sistemas e teorias sem substância, que não satisfazem as suas ansiedades. Feito este tremendo julgamento, Moraes decide abandonar tudo o que até então eram os seus interesses e hábitos, e como que se despede da sua própria alma, tal o insecto que deixa para trás a crisálida e se lança numa nova encarnação.

A sua obra exprime o seu julgamento sobre as contradições do sistema europeu de vida; oferece-nos, não só a avaliação crítica dos nossos ideais de vida, como também o

resultado da experiência dum homem que tentou substituí-los por outros ideais que lhe pareceram mais sãos e mais conformes à natureza humana. Há nessa obra ideias profundas e avaliações justas sobre o conteúdo moral da civilização ocidental e das suas muitas falhas para oferecer a felicidade aos homens. A obra de todo o verdadeiro escritor é um passo mais para o conhecimento da verdade do ser humano e da conquista da felicidade. A obra e a vida de Moraes são dos passos mais ousados que jamais alguém empreendeu. A sua aventura é, só por si, extraordinariamente interessante, além da dramática atracção que envolve este homem tão estranho. Com os novos caminhos e soluções que nos aponta, com os novos valores e ideais que colheu num mundo moral tão diferente do nosso, creio que, nestes tempos confusos e perturbados, oferece, aos homens sinceros, abundante matéria para meditação, e entendimento para correcção dos nossos erros.

A fascinação do Oriente continua a chamar-nos, e a aumentar ainda mais esta angústia tão profunda que parece nasceu já com a nossa alma. Hoje há muitos mais ocidentais que vão viver para o Oriente, embora raros se arrisquem a passar para lá desse tremendo muro que os separa de toda a sua vida anterior, lançando-os num mundo novo, perturbante, inescrutável, que facilmente os pode levar à aniquilação da personalidade e, algumas vezes, à loucura. De resto, viver no Oriente uma imitação de vida ocidental, no seu negócio, a jogar *bridge*, beber *whisky*, em evocações doentias dos longínquos requintes das capitais do Ocidente, é um viver híbrido e abastardado, que geralmente degenera em perder-se totalmente os interesses humanos.

Mas é aos homens sinceros que o caso de Moraes se põe. Ele oferece-nos a experiência dum indivíduo inteligente, com cultura, sensibilidade e sentido artístico, que se decidiu a ir ver por si se o sistema de vida oriental resolveu melhor para o homem o capital problema da felicidade. As religiões, a filosofia, a literatura, as artes orientais, situam os problemas da vida e da morte, do indivíduo e do universo, em termos diferentes, novos para nós, mas amadurecidos na mais velha experiência que o homem possui. Os valores que os espíritos orientais criaram laborando sobre estas fundamentais questões durante dois milhares de anos mais do que nós, estão à nossa disposição, profundos e maduros, se quisermos adoptá-los. Mas seremos nós capazes de os absorver sem que causem perturbações graves à nossa personalidade? Será a humanidade tão una e a natureza do homem tão ecléctica que seja possível mudar-nos dum campo para outro de culturas tão diferentes que dir-se-ia que o próprio sentido da vida recebe nelas divergentes direcções?

Ninguém põe em dúvida que a aproximação de diversas culturas mutuamente as enriquece, como a soma de todas elas enriquece a humanidade. Mas o problema que Moraes se abalçou a resolver é mais profundo e decisivo.

– Encontrou o Oriente a solução do maior problema do homem: o verdadeiro caminho da felicidade?

Moraes abandonou o mundo do lado de cá do muro e lançou-se num mundo desconhecido, indo viver, como qualquer simples cidadão japonês, uma vida simples e comum numa banal pequena cidade nipónica.

Encontrou a felicidade que foi procurar por caminhos tão ousados?

A resposta está na sua vida.

(O Jardim do Encanto Perdido, 23-29)

COMO O OCIDENTE PERDEU O SENTIDO DA FELICIDADE

A cultura europeia mostra os primeiros sintomas de cansaço e de incerteza em Rousseau e Schopenhauer. Os filósofos pessimistas da cultura que se lhe seguem, como Nietzsche, Spengler e Klages, não fazem mais do que dar uma expressão orgânica e metodicamente científica à corrente de escritores que vem declarando a decadência progressiva da civilização ocidental. Kireievsky afirmava em 1852 que a Europa chegara ao termo das suas possibilidades. Esta corrente, interrompida aqui e além por algumas clareiras de sol optimista e sadio, vem até ensombrecer-nos a confiança dos nossos dias. Os historiadores da história cícla, onde campeia Arnold Toynbee, desenvolvem hoje uma teoria orgânica e pesadamente documentada, que vem ao cabo provar que o Ocidente se aproxima do seu ocaso. Walter Schubert, no livro *A Europa e a Alma do Oriente*, de 1938, põe afirmações cabais: «A cultura ocidental anela pela sua própria aniquilação. (...) O desmoronamento próximo da cultura ocidental é inevitável. (...) A Europa moderna é uma forma sem vida.» Seria fácil continuar a enumeração dos vaticínios negros dos profetas da fatalidade.

Nos fins do século passado, igual desânimo e a perda de confiança nos destinos da Europa levaram à evasão de escritores e de viajantes para as terras serenas do Oriente, onde o futuro parecia ainda prometer dias de largo sol e alegria.

Então, as profundas alterações sociais, provocadas pela revolução industrial, e o ambiente intelectual, formado pelas ideias positivas e do império da razão, não serviam a certo número de intelectuais, de delicada sensibilidade e fina educação estética, que ainda viviam nos últimos doces enlevos do romantismo. O interesse pelo Japão cavalheiresco, que alvoroçou a Europa no último quartel do século passado, era uma das manifestações de evasão às realidades cruas da questão social que começava a pôr-se e à progressiva utilização da técnica na vida ordinária. As contradições da civilização ocidental eclodiram na guerra de 14, provocando nos espíritos mais sérios a onda de perturbação que chega hoje ao cume na nossa angústia, perante uma possível aniquilação atómica, e toma consciência nas peças sem sentido de Sartre e nos romances sem esperança de Koestler.

Moraes é o mais corajoso dos evadidos. Deserta do seu mundo porque o não suporta, detesta a «chateza do espírito da época». Odeia mesmo o progresso técnico,

amaldiçoa o gramofone americano, lamenta a inovação da água encanada ao domicílio, «dando cabo de todo o pitoresco» e acabando com o poético «poço clássico dos velhos tempos».

Em sua opinião, a Europa mergulha na sua decadência:

«Disciplinada por longos séculos de convencionalismo chato, regrada por estupendas inovações trazidas do campo da ciência, dominando quanto pode as leis locais da natureza, vendida ao dinheiro, a Europa será actualmente tudo que quiserem de magnífico, um grandiosíssimo mercado, por exemplo, mas o que ela já não é, é um meio estético. – Beleza? já nada há belo; antros de indigência e de crápula, chaminés, oficinas, casarões, cinematógrafos, a paisagem cortada por linhas-férreas e o azul do céu por fios eléctricos; até as mulheres são feias, feias como nunca foram – (ou é a fábula da raposa e das uvas que me inspira?) – tornadas ainda por cima quizilentas, graças aos progressos feministas, em fermento. Arte? Fugiu da Europa, espavorida; restam de pé os templos, mas que, vistos sem fé, se reduzem a montões informes de granitos e de mármore, com fileiras de buracos por janelas. Belas-letas? uma miséria; leiam-se, por exemplo, as belas-letas portuguesas...»

Este conceito tão pessimista resume ideias que se encontram espalhadas por toda a sua obra. Condenada como está a Europa, a salvação do mundo também não poderá vir dos americanos, «estes grandes monstros da humanidade». «Toda a raça branca» está condenada. «A nossa civilização achata-se cada vez mais na vulgaridade, no egoísmo, na sensaboria.»

Portugal também não tem salvação. «200 anos atrás do progresso das outras nações», sangrando-se na confusão sangrenta das suas lutas políticas, «abisma-se, apodrece, desfaz-se». «Os padres e as conquistas levaram-nos a este estado.» O seu vaticínio é que o epílogo das lutas do povo, dos ministros e dos reis, será a «ruína completa, a perda da nossa autonomia; a Inglaterra não se fará muito rogada para nos lançar a sua garra, dividindo-se as colónias entre ela e os outros Estados da grande parceria». «O povo português deu muito, mas não pode dar mais, a não ser que passem sobre ele tremendas transformações!... Morremos. Se me enganar, tanto melhor.» Conclusões idênticas encontram-se em muitas das suas cartas, umas publicadas, outras ainda inéditas.

Perante este panorama de chateza e decadência, Wenceslau procura salvar-se no Oriente, no seio duma civilização bem diferente, «ainda com um fundo de ingenuidade, de bondade e de pitoresco que a nossa já não tem». Em sua opinião, é a Ásia que retém

ainda, indiscutivelmente, «o carácter ancestral, nada rasteiro, palpitante de orgulhos de raça, apazendo-se em sonhos e em quimeras, acariciando a lenda, divinizando as coisas, prodigalizando os cultos; o que é, em todo o caso, uma maneira amável de ir compreendendo a vida».

(O Jardim do Encanto Perdido, 45-48)

VII

FASCINAÇÃO DO JAPÃO

Passar da China para o Japão «é sair duma caverna e entrar num jardim».

O Japão encantou-o desde o primeiro instante em que pôs os pés em Nagasáqui. «Cheguei ao Japão. Amei-o em transportes de delírio, bebi-o como se bebe um néctar...»

Já antes de *Traços do Extremo Oriente*, Wenceslau escrevia em carta à irmã mais velha, em 1889: «Estou num país delicioso, o Japão. Era aqui, em Nagasáqui, que eu desejaria passar o resto da minha vida, à sombra destas árvores que não têm parceiras no mundo. (...) Deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos; terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à Providência um agradecimento.»

Quando, passados oito meses, volta, sente-o já seu: «Cá está o *meu* Japão.»

A impressão que colheu destas primeiras viagens «pouco mais foi do que um deslumbramento».

Além disso divertia-se – era um «regabofe».

No entusiasmo e transporte com que escreve as páginas evocativas das «Saudades do Japão» vê-se que Wenceslau fez a descoberta da sua vida. Eis que o insatisfeito, o deslocado da civilização ocidental, o romântico sensitivo, encontra o ambiente que quadra ao seu temperamento tímido, de solitário sonhador, de esteta e de enamorado da beleza feminina. A identidade entre este ambiente e o seu carácter e preferências é tão profundo que o deixa surpreendido. É este sentimento de veemente simpatia com o mundo que o cerca que vai despertar o génio do escritor – um originalíssimo escritor que até aos quarenta anos andara à procura de assunto.

A extensão com que Wenceslau chega a compreender a psicologia japonesa e certos aspectos fechados da sociedade, em tempo tão curto, leva-nos quase a crer em afinidades ignoradas. Dir-se-ia existirem correntes ocultas de simpatia, um pendor nele inato para as coisas japonesas. Ele imagina até que lhe correrá nas veias sangue asiático.

O Japão que vê e apreende nas suas primeiras páginas mostra já os traços do quadro mais largo que vai ser a obra de toda a sua vida. «A majestade dos quadros não se encontra no Japão; o grandioso não é daqui; mas sim um encanto de contrastes a

sucedem-se sem fim, de decorações em miniatura, de adoráveis pieguices da natureza, e que fazem do misterioso *Nippon* um país de primaveras, um país fantasmagórico, onde o inverosímil alcança foros de real, como se houvéramos deixado a terra mãe e invadísemos os arcanos dum outro planeta.» A serenidade que se exala da paisagem japonesa, serenidade de que Moraes tanto se penetrou, definiu-a ele, como ninguém ainda, no último capítulo dos *Serões no Japão*.

Assim, o quadro que vai pintar do Japão não terá grandiosidade, nem a ela aspira. É finíssimo de traços, subtil de contornos, delicado de nuanças, gárrulo de cores e de contrastes, animado da boa gente do povo, que trabalha muito ou que se diverte ou passeia ou vai orar aos templos, batendo duas vezes as palmas; conta a vida do povo, as suas crenças, as suas cantigas e as suas penas; tem muitos sorrisos, muitas lágrimas, muitas travessuras de crianças; tem a luz e a cor que dão beleza única à paisagem japonesa; entoa cantos à mulher com um ardor que nenhum poeta iguala, e nos momentos de intimidade penetra nos recessos da alma com uma tão descarada profundidade que faz lembrar as páginas dramáticas dum romancista russo de novecentos.

É esse ambiente extraordinário, «onde o inverosímil alcança foros de real»: definição feliz que os jornalistas americanos estão a aplicar ainda ao Japão dos nossos dias. São os «encantos dum país atraente entre todos, pela sua paisagem ameníssima, pelo puro azul do seu céu privilegiado, pelo seu povo, interessante pela tradição lendária, pela índole, pela feição de hoje». O povo «mais simpático talvez do mundo inteiro». A paisagem é *paradisíaca* – «caprichos de cenário como ninguém os imagina, no verde constante da paisagem, paramentada de sucessivas moitas de arvoredo, de morros extravagantes, de cascatas que rugem, de ribeiras que murmuram, de campinas viçosas; um palpar portentoso da vida, na flor, no insecto, em tudo, no seu povo de homens corteses e de mulheres gentis».

Sim, sobretudo a mulher japonesa, «esta originalidade do Japão entre todas graciosas». Aí não cessam mais as exclamações e os fervores do seu encantamento – «as mulheres mais gentis», «mais graciosas», «mais encantadoras do mundo inteiro».

A atracção do Japão sobre Wenceslau é tão forte que, apenas com o conhecimento do país que colheu em curtas viagens, concebe já a ideia de viver e morrer em terra japonesa, nas linhas, escritas em Macau, com que fecha o *Dai-Nippon*:

«Feiticeiro torrão este, onde não se sofre e onde não se chora!... Como eu quisera viver aqui, no enlevo perene da cena, na paz duma casinha de papel! Como eu quisera

morrer aqui, volver à terra sem o cortejo agoirento das casacas, ignorado, jazendo para sempre à sombra dum bambual, onde as cigarras iriam cantarolando hinos eternos!...

Não pode ser: a minha mesquinha individualidade de pária, confundida na turba, não tem – ai de mim! – não tem jus a tal glorificação.»

Raras vezes alguém terá pressentido de tão longe as circunstâncias da sua morte. Na casinha de papel, em simplicidade, viveu e morreu. Mas não lhe foi concedida a paz. Foi-lhe concedida, sim, a glorificação humilde que ambicionava, através de montanhas de sofrimento e desolação e abandono mortal. Teve, de limpo, os hinos das cigarras à sombra do bambual, as mesmas cigarras que eu lá ouvi cantarolar e que enquanto o mundo for mundo não lhe negarão a sua alegria metálica e eterna.

(O Jardim do Encanto Perdido, 53-57)

XVIII

O SEU MAIS CORAJOSO ESCRITO

O TESTAMENTO

Em face da morte, Wenceslau mantém a mesma sinceridade, a mesma íntegra e séria coragem que manteve através da sua vida. Dos muitos portugueses, e entre eles alguns grandes escritores, que durante a sua vida se afastaram do catolicismo que beberam com o leite materno, raros são os que têm a coragem de manter a sua atitude até ao fim e desafiar as ameaças de condenação eterna. Bocage, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, embora grandes, renderam-se. O testamento de Jean Barois, no provocante livro de Roger Martin du Gard, é um grito póstumo dum espírito insurgido que se sabe sem forças para lutar até ao fim contra o peso ancestral duma tradição mais potente que os ímpetos de rebeldia da sua individualidade.

Moraes não quebra à sua morte a linha persistente e corajosa da sua vida. Para marcar a sua atitude e decisão de rebelar-se contra o catolicismo, tinha pregado na parede do seu quarto, em lugar bem visível, um rectângulo de papel em que escrevera, em 29 de Julho de 1913, em português, japonês e inglês: «Em caso de minha morte, é meu desejo que o meu corpo seja cremado (sujeito a cremação) em Tokushima.»

O seu testamento é datado de Tokushima, de 12 de Agosto de 1919, escrito por sua mão, e foi depositado no Consulado de Portugal em Kobe, tendo ardido durante a guerra. Copio-o textualmente das páginas 65 a 67 do *Souvenir Book*, publicado em Kobe, em 1940, pelo cônsul F. X. da Silva e Sousa.

Diz assim:

«Eu, Wenceslau José de Sousa Moraes, cidadão português, solteiro, com sessenta e cinco anos completos de idade, ex-capitão de Fragata da Armada portuguesa e ex-cônsul de Portugal em Hiogo e Osaca, actualmente sem emprego e residente em Tokushima, achando-me em perfeito juízo e livre de qualquer coacção, faço hoje este meu testamento hológrafo, válido sem dúvida alguma neste Império do Japão, em virtude do artigo número mil novecentos e sessenta e um do Código Civil Português que diz assim: – “os testamentos, feitos por Portugueses em país estrangeiro, produzirão os seus efeitos legais no reino, sendo formulados autenticamente, em conformidade da lei

do país onde forem celebrados” – e declaro que este testamento representa a expressão rigorosa da minha última vontade, que espero será inteiramente cumprida. Declaro ser natural de Lisboa e nascido no dia trinta do mês de Maio do ano de mil oitocentos e cinquenta e quatro, filho legítimo de Wenceslau José de Sousa Moraes e de Maria Amélia de Figueiredo Moraes, há muito falecidos. Declaro que quero que o meu corpo seja, após o falecimento, sujeito a cremação num crematório japonês, dispondo-se das minhas cinzas pela forma que adiante indico; quero que o meu enterro seja feito sem colaboração alguma da religião cristã, que não professo, não me opondo porém aos usos e ritos budísticos que queiram e possam prestar ao meu corpo os japoneses que me rodearem, mas em todo o caso sem luxo, antes muito modesto, e sem convites de espécie alguma. Declaro que não tenho bens em Portugal, resumindo-se os meus haveres à mobília e outros artigos que tenho em casa e algum dinheiro, ao presente depositado no «Banco Trinta e Quatro», em Tokushima. Declaro que na presente data não devo nada a ninguém; é meu desejo especial que as minhas futuras dívidas, se as contrair, sejam pagas sem demora alguma, logo após a minha morte. Declaro que tenho dois filhos ilegítimos, perfilhados, José e João, filhos da mulher chinesa, ambos nascidos em Macau e actualmente em Hong Kong, os quais são, pela lei portuguesa, os meus únicos herdeiros legítimos. Declaro que vivo ao presente em Tokushima, na casa situada em Tomidá, Iga Chô, san-chôme, onde tudo que se encontra, de mui pequeno valor, é minha propriedade exclusiva. Podendo eu dispor livremente, segundo a lei portuguesa, de uma metade dos meus bens, declaro que se observe o seguinte: ao dinheiro encontrado no Banco e em minha casa junte-se o que provenha da venda em leilão ou por ajuste particular (como melhor pareça à autoridade competente) de todos os artigos existentes em minha casa, excepto o *butsudan* (o altar dos mortos), com tudo que nele se contém, e todos os meus livros, álbuns de gravuras e *makimono*s; quanto a lembranças íntimas, julgadas sem valor, deverão ser destruídas pelo fogo ou por outro modo. Assim realizado o valor total dos meus bens, serão pagas as dívidas, se as houver, despesas com enterro e outras; do que ficar, será entregue a meus dois filhos, dividida em duas partes iguais, a metade que lhes pertence; e não terão mais nada a reclamar, e nego-lhes o direito, que porventura se queiram arrogar, de intervirem por qualquer forma nas disposições deste meu testamento. Disponho de outra metade dos meus bens pela forma que vou expor: deixo todos os meus livros, incluindo aqueles de que sou autor, álbuns, gravuras, *kakimono*s e *makimono*s, à biblioteca pública de Tokushima, situada no Parque da cidade. Deixo a quantia de oitenta ienes para se dar

colocação às minhas cinzas, nas condições seguintes: encarrego a religiosa budista Shiun Chigen (que vem todos os meses a minha casa e é bem conhecida dos vizinhos), actualmente encarregada do pequeno templo de Jiun-an, em Katsu-ura gun, Otani mura aza Kitayma, situado a pouca distância de Tokushima, de prestar à autoridade competente qualquer esclarecimento a meu respeito de que precise, e também de dar colocação às minhas cinzas, para o que se porá à sua disposição a mencionada quantia de oitenta ienes. Sendo o meu maior desejo que as minhas cinzas sejam depositadas conjuntamente com as cinzas da mulher Saito Ko-Haru, que foi minha criada em Tokushima, é a esta minha vontade que se deve atender, bastando então mandar gravar o meu nome e data do falecimento, em japonês, no reverso do túmulo de Saito Ko-Haru; mas para isto será necessário o consentimento, que já verbalmente me foi dado, de Saito Yuki, mãe de Saito Ko-Haru; confirmado tal consentimento, não se construirá pois túmulo especial para as minhas cinzas, que irão repousar no túmulo de Saito Ko-Haru, e a quantia de oitenta ienes, depois de pago o trabalho da inscrição a que venho de referirme, será dada a título de lembrança a Saito Yuki. Se porém tal consentimento for negado à última hora (o que não julgo provável), será então preciso construir o meu túmulo muito modesto, com uma simples inscrição em japonês, não excedendo tudo a verba de oitenta ienes, e que deve ficar tão próximo do túmulo da minha querida companheira Fukumoto Yoné quanto for possível; em todo o caso no mesmo cemitério. Se, por cúmulo de contrariedade, esta última hipótese for ainda impraticável, então a religiosa Shiun Chigen não dará sepultura às minhas cinzas, guardando-as em lugar próprio no seu templo. À mesma religiosa Shiun Chigen deixo o *butsudan* (o altar dos mortos) que se encontra em minha casa, com tudo que contém, com a condição de nunca o ceder a pessoa alguma que lho peça, de lhe dar colocação própria no seu templo e de nele prestar culto aos espíritos de Fukumoto Yoné e de Saito Ko-Haru. Se a dita *regi*, digo, se a dita religiosa Shiun Chigen aceitar e se prestar a cumprir os encargos que lhe confio de dar colocação às minhas cinzas, juntando-as, como muito desejo, às cinzas de Saito Ko-Haru ou se tal for absolutamente impossível, mandando construir o meu túmulo nas condições que aponteí, ou em último caso guardando as minhas cinzas no templo, e se aceitar o *butsudan* nas condições que aponteí, e se prestar com boa vontade todos os esclarecimentos que possa dar à autoridade competente para que os meus desejos sejam cumpridos, deixo-lhe a quantia de quinhentos ienes, que lhe serão entregues depois de receber o *butsudan* e de dar destino às minhas cinzas; se porém, em contrário do que imagino, se recusar a aceitar e cumprir os encargos, no seu conjunto,

que mencionei, então não lhe deixo nada. Para esta última hipótese, improvável como acabo de dizer, deverá então a autoridade competente, por si ou por pessoa que nomear para o caso, prover a que o *butsudan* seja depositado num templo budista qualquer, que ficará com a plena posse dele, e que às minhas cinzas se dê o destino que desejo, já depositando-as juntamente com as cinzas de Ko-Haru e ficando sempre propriedade de Saito Yuki; já quando isto não seja praticável, dando-se-lhes túmulo especial no mesmo cemitério onde se encontram as cinzas de Fukumoto Yoné e Saito Ko-Haru, ficando então cinzas e túmulo sendo propriedade de um templo budista qualquer; já, em último caso, ficando então cinzas e túmulo, digo, ficando as minhas cinzas sem túmulo, depositadas num templo budista qualquer e propriedade dele. É claro que será então necessário despender várias pequenas somas, como gratificações que remunerem serviços e encargos. Deixo a quantia de cem ienes para ser distribuída em partes iguais, como lembranças, pela criada que me servir na ocasião da minha morte e pelas mais pessoas assalariadas (enfermeiras por exemplo), que cuidarem de mim durante a doença final. Deixo a quantia de mil e quinhentos ienes, incondicionalmente, à referida Saito Yuki, mãe da pobre Saito Ko-Haru, viúva, actualmente moradora em Tokushima, Horibuchi. À mulher japonesa Nagahara Den, filha de Nagahara Masanosuke e de Nagahara Tao, já falecidos, natural de Shimane Ken, Izumo no Kuni, Hikawa gun, Imaichi-machi, Tera-machi, onde julgo que actualmente reside depois de ter vivido em Kobe por alguns meses em minha casa, deixo tudo que restar da metade dos meus bens de que posso dispor. Se Nagahara Den tiver já falecido, ou não for encontrada (o que não me parece provável), deixo o que lhe devia pertencer à já referida Saito Yuki, mãe da falecida Saito Ko-Haru. Devo ainda declarar que, no caso de algum dos meus dois filhos, ou ambos, se negar a receber, ou se negarem a receber, a parte da herança que lhe compete, ou que lhes compete, deixo essa parte da minha herança, dividida em partes iguais, às mulheres já citadas Shiun Chigen, Saito Yuki e Nagahara Den. Advirto ainda que aos meus livros e tudo mais que deixo à biblioteca de Tokushima, como ficou dito atrás, deve atribuir-se um muito pequeno valor efectivo, tendo em vista a dificuldade de acharem aqui comprador. Nada mais. Rogo à autoridade competente o máximo cuidado no desempenho do cumprimento da minha vontade, e informo-a de que tenho razões para julgar que pessoas mal intencionadas pretenderão intervir e prejudicar os meus desejos e os interessados. *Sayonara!* Tokushima, no dia doze do mês de Agosto do ano de mil novecentos e dezanove.

Wenceslau José de Sousa Moraes»

Wenceslau de Moraes, primeiro português convertido às ideias budistas, recebe um funeral budista, sendo todos os anos dedicado um serviço religioso em sua memória num templo de Tokushima. Recusa qualquer «colaboração cristã» no seu enterro, e foi sujeito à cremação no cemitério de Kasugano, tendo sido as suas cinzas depositadas em Chionji, conjuntamente com as cinzas «da mulher Saito Ko-Haru, que foi minha criada em Tokushima». O seu primeiro desejo foi de que as suas cinzas tivessem ficado juntas às de O-Yoné, «minha querida companheira». Mas a irmã, Yuki, a quem ela fez tal pedido, em Kobe, na ocasião da morte de O-Yoné, não o consentiu. E mesmo o consentimento que Yuki dera à cabeceira da cama de Ko-Haru, fora só concedido em troca de Wenceslau perdoar a infidelidade desta, e permitir que visse, à hora da morte, o filho ilegítimo. As suas cinzas ficarão sempre propriedade de Saito Yuki, o que será a maneira indirecta de entrar na família Saito.

Deixou no Banco Trinta e Quatro a importância de 29 000 ienes, equivalentes aproximadamente a 264 contos.

Repare-se que as suas convicções budistas não são profundas, nem nelas confia muito para repouso da sua alma. Enquanto dispõe que seja prestado culto aos espíritos de O-Yoné e Ko-Haru, não pede tal culto para si próprio. Talvez por não ousar, porque os cuidados com que dispõe do *butsudan* fazem crer que intimamente esperava receber o culto dos japoneses. O seu nome e data do falecimento foram gravados no reverso do túmulo de Ko-Haru, em caracteres japoneses, apenas. A inscrição está feita num pequeno bloco de granito, erguido, que lembra um tronco, como todos os túmulos japoneses. Na base há duas pequenas urnas de granito, sobre um suporte, que contêm as cinzas dele e de Ko-Haru. O bloco é rotativo, volta-se, conforme é aniversário dele ou dela. No lado oposto tem escrito em japonês *Entaku-Miosho-Shinya*, nome de morta de Ko-Haru, cujo significado é: *piadosa mulher, comparável a um magnífico quadro, traçado por pincel primoroso e oferecido aos deuses*. O *kaimyo*, nome de morto, de Moraes encontrava-se num pequeno cofre, escrito por sua mão – *Sokoin Henseo Bunken Daikoji: magnífico escritor, no castelo algas iluminado*. Pelas *algas* alude-se à sua vida instável de marinheiro e desenraizado.

Ainda mesmo no testamento se nota a preocupação e o receio de Moraes de não ser admitido no cemitério japonês, de não ser aceite, estrangeiro, no lugar de paz reservado aos filhos do Dai-Nippon. Faz pormenorizados arranjos quanto às suas cinzas, pois tem

medo que as várias hipóteses que contempla lhe falhem; se tal acontecer, dispõe que sejam dadas a um templo budista qualquer.

Pobre homem, ainda afligido de incertezas, que mesmo depois da morte receia ser abandonado, as suas cinzas sem túmulo recusadas de mão em mão, até serem acaso recebidas por algum templo desconhecido, por compaixão.

Nada neste testamento lembra quaisquer laços com Portugal ou com portugueses e, exceptuados os dados da sua identificação – lugar de nascimento, nome dos pais – poderia ter sido escrito por um budista japonês. Nada que procure dar aos seus compatriotas o menor motivo para a sua memória. É em japonês que diz o derradeiro *adeus* ao mundo, na doce palavra *sayonara*.

O seu testamento e a sua morte são consequentes com a sua vida, dão ainda mais lógica e mais força às ideias que a dirigiram, e mostram como eram genuínas as atitudes estranhas do homem sincero que foi.

(*O Jardim do Encanto Perdido*, 161-170)

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

Honestamente, como pudemos, julgámos a Obra do Escritor. Chegámos ao fim e resta-nos ainda o mais árduo por acabar. Há que pronunciar-nos sobre a experiência do Homem. Teremos nós o direito de fazer o julgamento duma vida? – Porque não, se o fizermos com humildade e com o propósito de aproveitar dela a lição que cada homem que se esforçou por existir conscientemente deixa traçada na plenitude dos caminhos que escolheu? Cada um, ao resolver o seu problema da felicidade, intervém na felicidade de todos. Na vida de cada homem se repete o grande processo do destino humano.

A mais profunda e absorvente preocupação de Moraes foi o problema da felicidade.

O homem veio ao mundo para ser feliz. Qual dos mil caminhos abertos aos seus passos guarda, ao fim, a felicidade verdadeira? Quem poderá contar o número dos que erraram a tremenda escolha? Feliz será o homem que integralmente se realizar, que cumprir todas as possibilidades que a natureza em si depositou. E quem poderia divisar quanto o caminho seguido certo dependeu da vontade ou do acaso insondável? Ao procurarmos penetrar numa vida e descortinar aquilo que determinou as suas direcções, o nosso espírito enreda-se em cordames de mistérios. Foi o acaso ou a sua consciente vontade que levou Moraes para o Oriente?

Poderá pôr-se mesmo em questão se teria o direito de lá ficar, abandonando Portugal e o Ocidente. Possui o indivíduo o direito de abandonar a sociedade que o fez o homem que é, que partilhou com ele a cultura e as tradições que custaram milhares de anos e labores a um povo, e às quais ele deve a própria substância da sua alma? E valerá esta questão mesmo quando alguém, como Moraes, fez, no país estranho para que se transplantou, mais do que ninguém pelo nome do seu País?

Ao fazer a experiência de procurar a felicidade no Oriente, Wenceslau fê-la por todos nós. Ela é dum valor inestimável, pois foi o primeiro ocidental que se passou para o campo do Oriente à procura daquilo que o Ocidente não possui, ou nos nega, para sermos inteiramente felizes – e que nos deixou um relato da sua maravilhosa aventura. Foi na esperança de, ultrapassado o muro que o separava desse mistério, encontrar aquela serenidade que resolve todos os anseios que estão na origem da nossa tragédia.

Amar o Oriente não implica passar para o outro lado, renegando a nossa civilização e a terra em que afundam as nossas raízes, – perder o que possuímos e está dentro de nós, pelo que talvez nunca possamos abranger. Tem o Oriente com que nos compensar de Bach, Beethoven, as tragédias gregas, Shakespeare, Dante, Camões, Goethe, Rilke, as catedrais góticas, Greco, Miguel Ângelo?

Wenceslau não conseguiu nunca passar-se inteiramente para o lado de lá. Vestia o «quimono moralmente», mas não foi capaz de ajustar-se à sociedade japonesa; nunca chegou a despir-se por completo dos seus sentimentos portugueses. Teimando até ao fim, só no fim se convenceu da impossibilidade de transpor o muro fatal.

A sua vida espiritual e emotiva ficou assim a vogar entre dois mundos separados – náufrago entre duas civilizações: desgarrado da materna e sem ter sido capaz de fundear na estrangeira. Ao fim da viagem dos seus dias, o seu barco turbilhonava ainda sobre abismos. A sua alma debatia-se no inferno dos sentimentos divididos; o espírito agitado por lutas tremendas, para as quais já lhe não restavam forças nem discernimento. Encontrou decerto horas de serenidade rara e paz de alma inefável, mas teve de pagá-las com dores e tribulações que a poucos é dado conhecer.

Procurou ir mais longe que os demais, abarcar um outro mundo, além do que já possuía. Aprendeu muito, experimentou novidades que a ninguém mais serão reveladas. Mas não foi feliz. Voltou-se então para o caminho da renúncia. Aquela renúncia em que no mais velho consenso da sabedoria humana, nas religiões budista e cristã, está a senda da felicidade verdadeira. E também não foi feliz por aí.

O homem falhou. E desta falha trágica brotou substancial a Obra do Escritor, como que a purificá-lo da queda e a compensá-lo do sofrimento. Obra colhida da experiência de dois mundos, rica de poesia, larga de fronteiras, animada de contradições e das confusões de que os estreitamente lógicos ainda o acusam.

Nunca penetrou o espírito de Wenceslau o conceito universalista de Goethe – do homem que abarque o essencial das culturas do Ocidente e do Oriente e recolha em si filões de pensamento e de emoção dos dois sistemas. Desprezava o Ocidente e encarecia demasiado o Oriente, para o tentar a experiência magnífica. Além disso, sensitivo de temperamento, vivia sobretudo pela emoção, e os problemas do pensamento nunca tiveram importância capital na sua vida. A sua cultura ocidental não é extensa, e a oriental nunca a estudou com profundidade. São estas limitações que fazem dele o escritor que é, e não um filósofo. O que recolhe da experiência são principalmente

emoções estéticas, meditações e ensinamentos de humanidade. E é por isso que o seu caso tem mais largo interesse, porque é mais representativo do homem comum.

O sonho do Oriente continua a atrair os homens que guardam no coração raios de poesia – que são os que verdadeiramente fazem avançar o mundo. É a sedução perigosa do Mistério, a atracção dos cimos da montanha que ninguém conseguiu alcançar ainda.

A seguir à última guerra, o Japão voltou a atrair numerosos ocidentais – escritores, padres budistas convertidos dos países do Ocidente, professores, monges da seita *zen*, artistas, comerciantes, homens que a curiosidade impele a descobrir o que os outros gostariam de ver descoberto, excêntricos, aventureiros. A todos eles o sonho da felicidade oriental de diferentes modos fascina.

Estará a felicidade verdadeira guardada ao fim destes caminhos assombrosos e virgens, em que até as chagas dos abrolhos têm uma doce-amarga sedução?

Wenceslau de Moraes ganhou-nos com a sua experiência ousada uma resposta. – Ao cabo do caminho que escolheu havia a dor humana: a implacável dor que até hoje tem imolado todo o homem, eterno Ícaro, à sua Ilusão de voar em céus interditos.

(O Jardim do Encanto Perdido, 227-231)

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com excepção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.